CLÁUDIO
Imperador Romano

Com a morte de Calígula, no ano 41 D.C. Tiberius Claudius Caesar Augustus Germanicus, reconhecido na História de Roma como Cláudio I, foi elevado ao trono por imposição da forte Guarda Pretoriana, talvez por ter sido muito mais manobrável do que qualquer outro pretendente ou herdeiro ligado a grupos que vinham de há muito se locupletando devido aos enormes desmandos na corte imperial.

Cláudio fez-se passar por tolo e inconseqüente enquanto Calígula reinava. No entanto, assim que assumiu o poder surpreendeu a todos com as muitas demonstrações que deu de inteligência, sagacidade e preparo administrativo e cultural.

Todavia, fisicamente ele não correspondia à imagem que o povo romano poderia fazer de seu imperador, uma vez que era um tipo muito estranho. Apesar de alto e bem forte tinha os cabelos quase brancos aos 51 anos de idade. Uma paralisia infantil ou um mal similar, segundo o historiador Will Durant, além de algumas doenças (inclusive epilepsia) haviam-no quase deformado. Apresentava-se com andar claudicante sobre pernas compridas e finas; mantinha a cabeça oscilante sobre um pescoço longo e fino. Além disso, gaguejava e sofria muito com as dores causadas pela gota. Seus pais haviam-no considerado uma espécie de deficiente mental e sua mão chegou a ele se referir como um “monstro inacabado”.

Esse tipo inacreditável como imperador de Roma chegou a esclarecer no Senado que se fizera passar por tolo e inconseqüente durante todo o governo calamitoso de Calígula, apenas para salvar a própria pele.

Terminou seus dias num emaranhado de disputas e intrigas palacianas, envenenado por Agripina, sua própria esposa, por ter favorecido como seu herdeiro ao trono a Nero, em detrimento de seu filho Germânico.

Sêneca, o filósofo, foi seu contemporâneo e preceptor de Nero, o futuro imperador. Em sua obra Apolokyntosis, ironiza com Cláudio após sua morte, descrevendo um perfil bastante indicativo dos seus problemas físicos e, por via de dedução, do que se pensava também das pessoas com deficiência na Roma daqueles dias. E, ao fazer uma alegoria sobre seu destino após a morte, afirmou: “Anunciam a Júpiter a chegada de alguém, de estatura normal, com cabelos quase brancos: Não deve ter boas intenções, pois abana continuamente a cabeça e coxeia do pé direito”.